

## A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO CICLO ALFABETIZADOR A PARTIR DA PERSPECTIVA DOCENTE

Denise Theisges <sup>1</sup>

Ivanir Maciel <sup>2</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa visa investigar se a contação de histórias possibilita aprendizagem no processo de aquisição da leitura e da escrita no ciclo alfabetizador, aborda a alfabetização na educação básica, verificando se a contação de história é significativa na perspectiva de docentes atuantes na região da Grande Florianópolis. O trabalho oferece uma visão geral sobre o assunto, seus conceitos, e documentos legais, destacando a contação de histórias como estratégia no auxílio do processo de ensino e aprendizagem. Os principais autores utilizados foram Oliveira (1991), Freire (1989, 2005), Soares (2020), Smolka (2008), Abramovich (1997), Vygotsky (2014), entre outros. A abordagem qualitativa de análise de dados foi desenvolvida a partir de uma pesquisa de campo e aplicada por meio de um questionário online enviado à professores alfabetizadores. Constatou-se que, embora nem todos os professores tivessem vivenciado a contação de histórias na infância, todos a utilizam em sua prática docente, pois enriquece a imaginação, desenvolve emoções e potencializa a aquisição da leitura e da escrita. Identificaram-se dois grupos de professores: aqueles que adotam uma abordagem mais clássica, como preenchimento de fichas, e os que inovam com atividades criativas, como rodas de conversa pré e pós contação de histórias, além de cenários temáticos e teatralizações. Todos reconheceram o valor pedagógico da contação de histórias, como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento integral dos estudantes, unindo imaginação e alfabetização de forma significativa.

**Palavras-chave:** Contação de História; Alfabetização; Letramento; Estratégia pedagógica;

### 1. Palavras iniciais

Esta pesquisa direciona-se ao sistema de educação básica brasileira, com foco na alfabetização, que ocorre no início do Ensino Fundamental. Histórica e tradicionalmente, esta fase vem carregada de repetições e atividades mecânicas, o que gera um choque de realidades, pois aquela criança que antes era livre para interagir e brincar agora, simplesmente se depara com um Ensino Fundamental enrijecido. Diante desta temática, se fez necessário abordar a contação de história no ciclo da alfabetização como um meio não só de manter vivo o lúdico, mas proporcionar o contato com diversos portadores de texto utilizados no cotidiano social. Estes podem caracterizar um ambiente propício para a alfabetização com letramento, além de instigar a curiosidade da criança pela leitura, interpretação e ampliar o desenvolvimento da oralidade. Tendo em vista o problema enfrentado atualmente na educação brasileira no âmbito da alfabetização, esse trabalho torna-se importante por trazer uma visão geral sobre o

<sup>1</sup> Graduada no Curso de Pedagogia na Faculdade Municipal de Palhoça, [denise.theisges@aluno.fmpsc.edu.br](mailto:denise.theisges@aluno.fmpsc.edu.br);

<sup>2</sup> Ivanir Maciel: Doutora em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, [ivanir.maciel@fmpsc.edu.br](mailto:ivanir.maciel@fmpsc.edu.br).



processo de alfabetização e documentos legais que a fundamenta, destacando a contação de histórias como estratégia benéfica para este processo.

Esta pesquisa representa a concretização de um sonho, originado de uma experiência marcante durante a pandemia de Covid-19. Enquanto cursava o terceiro ano do Ensino Médio, auxiliiei meu irmão em casa, na realização das atividades pedagógicas oriundas da pré-escola. Sem o conhecimento de metodologias formais, utilizei a contação de histórias como estratégia principal, despertando nele um interesse espontâneo pela leitura, o que o levou, aos quatro anos, a ler seu primeiro livro. A partir disso, passamos a produzir juntos diferentes textos e projetos criativos, tornando o processo de letramento mais dinâmico e significativo. No retorno às aulas presenciais, a abordagem tradicional gerou frustração a ele, reforçando a necessidade de práticas mais envolventes na alfabetização. Contudo, cabe ressaltar que este trabalho não busca invalidar os métodos, pelo contrário, pretende-se reafirmar a relevância dos mesmos, porém com acréscimo da contação de histórias como uma estratégia de ensino benéfica.

Diante desses fatores a temática resume-se à seguinte incógnita: a contação de história pode ser significativa e auxiliar no processo de alfabetização? Com o intuito de trazer esclarecimento, este trabalho buscou como objetivo principal “investigar se a contação de histórias possibilita aprendizagem no processo de aquisição da leitura e da escrita no ciclo alfabetizador”. A partir deste, foram traçados objetivos específicos: Discorrer sobre o processo de alfabetização; Compreender a contação de histórias como uma das linguagens da *palavramundo* no processo de alfabetizar com letramento; Analisar como as práticas de contação de histórias das/os professoras/es contribuem no processo de alfabetização.

Este artigo foi organizado da seguinte maneira: Introdução – delimitação da justificativa, o problema de pesquisa, os objetivos geral e específicos e a metodologia, referencial teórico e análise da prática docente a partir das falas dos professores da região da Grande Florianópolis e, por último, as considerações finais.

Esta pesquisa aplicada se desenvolveu a partir da abordagem qualitativa de coleta e análise dos dados, onde o pesquisador se preocupa mais em entender o fenômeno como um todo, com poucas ideias pré-concebidas e sem tentar controlar o contexto da pesquisa (Vernaglia, 2020).

Para a coleta de dados utilizamos a pesquisa de campo porém, de acordo com Lakatos, “as fases da pesquisa de campo requerem [...] a realização de uma pesquisa bibliográfica” (2003, p. 185). Portanto, antes de ir a campo, foi feito um minucioso estudo visando um embasamento teórico sólido. Em consonância com os objetivos esta pesquisa é classificada



como exploratória, pois busca informações sobre um determinado objeto, delimitando um campo de trabalho e mapeando suas condições de manifestação (Severino, 2016).

Arelado ao estudo literário ocorreu a pesquisa de campo. Nesta modalidade, “o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem [...] sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador” (Severino, 2016, p. 132-133). Pensando nessa definição, foi compartilhado um questionário online em grupos de Whatsapp dos professores atuantes nos municípios de Florianópolis, São José, Palhoça, Biguaçu e Santo Amaro da Imperatriz. Foi direcionado aos professores com experiência em turmas de primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental. O questionário continha perguntas que buscavam compreender, além do contexto, como os professores compreendiam o tema e o contemplavam durante as suas aulas.

Por fim, os dados recolhidos foram analisados a partir de duas ópticas distintas: Análise Temática e Análise do Discurso. A Análise Temática, conforme Bardin (2011) é um método para identificar, analisar e relatar padrões (temas) dentro dos dados, que possibilita interpretações acerca de aspectos relevantes do fenômeno estudado, estruturando grandes volumes de informações em categorias. Na análise do discurso conforme Foucault (1971) enfocamos a linguagem como prática social, explorando como os significados foram construídos. A abordagem considera o contexto histórico e social em que os discursos são produzidos analisando as falas e seus efeitos potenciais na construção de realidades sociais.

## **2. Alfabetizar ou Letrar? Eis a questão da contação de histórias**

A escrita sempre foi essencial para a transmissão cultural e histórica. De acordo com Soares (2020) a escrita foi inventada por volta de 4000 a.C. devido à expansão do comércio e a necessidade de registrar as informações. Inicialmente, utilizavam-se pictogramas e ideogramas que foram evoluindo para sistemas alfabéticos, como o fenício, o grego, o árabe e o hebraico. No decorrer da história, filósofos, sociólogos, psicólogos e pedagogos contribuíram para a evolução educacional por defenderem que o processo de alfabetização era o que elevava um indivíduo na sociedade. A educação formal permaneceu restrita a pequenos grupos durante grande parte da história, sendo somente há pouco mais de um século tratada como direito de todos e dever do Estado.

Antes de ir ao campo, primeiramente faz-se necessário compreender as múltiplas facetas que permeiam o processo de alfabetização. Pois bem, é considerado alfabetizado o estudante que desenvolveu bem as habilidades de codificar e decodificar o código escrito de um determinado idioma, ou seja, sabe escrever e ler. Magda Soares (2020) defende que a



alfabetização é o “processo de aquisição da ‘tecnologia da escrita’, isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades – necessárias para a prática da leitura e da escrita: domínio do sistema de representação que é a escrita alfabética e das normas ortográficas” (p. 27). Além disso, ainda segundo Soares (2020), há também outros fatores que geram influência como o bom desenvolvimento das habilidades motoras finas, a boa postura corporal, bem como saber acompanhar corretamente as direções da escrita (da esquerda para a direita e de cima para baixo). Arelada a essas habilidades, o estudante também precisa interpretar de forma adequada a leitura e a escrita. A partir deles entramos em outro campo: o letramento.

Nascido do termo inglês “literacy”, este conceito começou a ser pensado em meados da década de 1950. Inicialmente objetivava descrever como ocorria o desenvolvimento da capacidade de ler e escrever. Nos anos 1970 aumentou-se o interesse em examinar também como as pessoas usavam essas habilidades em contextos sociais e culturais específicos. Mais a frente, Freire (1989) definiu o letramento como a leitura de mundo que o indivíduo adquire ao longo da vida. Embora esteja diretamente ligado ao processo de alfabetização, o letramento vai além do ato de ler e escrever. Ele abrange o conjunto de competências necessárias para compreender e utilizar a linguagem escrita. Enquanto a alfabetização limita-se à leitura e escrita, o letramento amplia seu foco envolvendo a compreensão crítica, a capacidade de argumentar e a habilidade de comunicar-se de forma eficaz. Em consonância, Soares (2020, p. 27) o define como as “capacidades de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos[...]”.

A partir dessa visão surgiram os gêneros multimodais. Estes são “textos materializados a partir de elementos advindos dos diversos registros da linguagem” (Silva *et al.* 2015. p. 136). Isso quer dizer que vivemos em uma sociedade letrada onde a criança tem contato com números, cores, formas geométricas, texturas, livros de literatura, enfim, portadores de significados que iniciam o processo de letramento antes da alfabetização. Dessa reflexão, surgiu a teoria dos multiletramentos, com “modos de representação [...] mais amplos do que somente a linguagem verbal, que diferem de acordo com a cultura e o contexto e que têm efeitos cognitivos, culturais e sociais específicos” (Rojo, 2010. p. 29). Portanto, somos desafiados a interpretar diversos textos e possibilidades do cotidiano. Na alfabetização isso se intensifica tornando os letramentos parte essencial da aquisição da leitura e da escrita.

A documentação oficial que aborda a alfabetização orienta políticas, programas e o trabalho docente, buscando garantir qualidade e equidade no ensino. Primordialmente, a Constituição Federal de 1988 defende, em seu Art. 205, que “a educação, direito de todos e



dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1988. p. 123). Temos também a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) aprovada em 1996, que nos traz um panorama geral de como se desenvolve o sistema educacional brasileiro.

Assim como a Constituição, em seu Art. 208, defende a “educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade” (Brasil, 1988. p. 124), a LDB o faz, acrescentando, em seu Art. 4º, a subdivisão deste período em Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio, prevendo programas de fornecimento de material didático, formação de professores, bem como a necessidade desse ensino promover a “alfabetização plena e capacitação gradual para a leitura ao longo da educação básica como requisitos indispensáveis para a efetivação dos direitos e objetivos de aprendizagem e para o desenvolvimento dos indivíduos” (Brasil, 1996, p. 9 - 10).

Por fim, em 2017 foi aprovada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que visa unificar o sistema educacional do país. Conforme a BNCC,

alfabetizar é trabalhar com a apropriação pelo aluno com a ortografia do português do Brasil escrito, compreendendo como se dá este processo (longo) de construção de um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento fonológico da língua pelo estudante. Para isso, é preciso conhecer as relações fono-ortográficas, isto é, as relações entre sons (fonemas) do português oral do Brasil em suas variedades e as letras (grafemas) do português brasileiro escrito (Brasil, 2017, p. 86).

A Base ressalta que a alfabetização vai além do domínio das habilidades de leitura e escrita. Ela está ligada à formação integral dos estudantes, ao desenvolvimento de competências socioemocionais e à capacidade de pensar criticamente. Faz parte da área do conhecimento de Linguagens, mais especificamente do componente curricular de Língua Portuguesa, que está subdividido em eixos, sendo eles: o *texto* “unidade central [...] que propicia o desenvolvimento das demais habilidades” (p.63). Este envolve diferentes gêneros textuais escritos ou orais. Em *leitura* compreendem-se as práticas de linguagem decorrentes da interação ativa do leitor com textos escritos, orais e multissemióticos, promovendo a interpretação e leitura de mundo. A *produção de textos* envolve “práticas de linguagem relacionadas à interação e à autoria (individual ou coletiva) de texto escrito, oral e multissemiótico, com diferentes finalidades e projetos enunciativos” (p.72). A *oralidade* está presente em ocasiões cujo uso do idioma falado como a contação de histórias, debates e aulas dialogadas é essencial para o letramento e alfabetização. *Análise Linguística/semiótica* implica procedimentos cognitivos de análise e avaliação consciente, durante os processos de



leitura e de produção de textos, sendo responsável por seu sentido/significado. Nesta etapa, o estudante já tem noção do que é o texto e suas formas de apresentação, sendo capaz de criar.

Em suma, para a BNCC (2017, p. 85) a oralidade nas rodas de conversa, teatro, etc., potencializam o desenvolvimento do pensamento e linguagem; a análise linguística/semiótica permite que as crianças possam explorar a produção de sentidos singulares em determinada literatura. leitura/escuta, promove o avanço no domínio da leitura gradualmente e a produção de textos, desenvolve habilidades para criar textos de diversos gêneros.

O contato da criança com a oralidade começa cedo, através da voz da mãe e de familiares. Canções de ninar, brincadeiras e conversas ajudam a desenvolver sua comunicação e a familiaridade com histórias antes mesmo da fase escolar. Isso demonstra “o poder da voz humana de criar o vínculo afetivo [...]. Esse acalanto elementar é precursor de toda a narração oral” (Girardello, 2007, p. 43). Com o tempo, o desenvolvimento linguístico da criança amplia sua compreensão, associando conteúdo com expressão corporal e entonação da voz (Girardello, 2007). Isso favorece o entendimento das palavras e da mensagem da história, iniciando o processo de letramento, que segue na Educação Infantil.

No primeiro ano do Ensino Fundamental, a criança se depara com uma metodologia distinta. As brincadeiras dão lugar aos métodos de alfabetização que, conforme forem aplicados, tornam a aprendizagem mecânica e pouco atrativa. Perante esse fato, contar histórias resgata elementos da educação infantil, tornando as aulas mais dinâmicas e envolventes, além de servir como estratégia para o desenvolvimento de outras atividades pois, segundo Abramovich (1997, p.17), “é através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula [...]”.

Perante a descoberta de que os livros podem trazer textos mais complexos a serem lidos e interpretados, Oliveira (1991, p. 34) defende que “os primeiros momentos das atividades de leitura são o desejo de conhecer, de ver, de ouvir, de sentir [e] de participar”, ou seja, instiga a curiosidade da criança. Isso nos remete ao letramento, pois é durante este exercício que o estudante fará uso de seus conhecimentos prévios, além de apropriar-se de novos saberes. Embora ela talvez ainda não saiba ler a palavra, ela reconhecerá a história por meio das ilustrações e/ou pela forma com que lhe é contada e expressará os sentidos e o que pensa sobre o assunto abordado, desenvolvendo sua oralidade.

Mesmo crianças alfabetizadas se beneficiam da contação de histórias, pois esta pode ser adaptada para continuar o processo de letramento. Agora, ao invés de ser o docente a ler



para sua turma, os estudantes podem escolher histórias de seu gosto e contar aos colegas, fazendo surgir uma roda de escuta e conversa. Dessa forma, “a leitura vai abrindo caminho para a cultura” (Oliveira, 1991, p. 37), para a leitura da palavra/mundo. Enfatiza-se também que uma história além de lida, pode ser interpretada, pois de acordo com Oliveira (1991, p. 34) “a interpretação autônoma do professor pode impressionar mais o aluno do que o próprio texto”. Dessa forma, a contação de histórias auxilia no desenvolvimento da escuta atenta, encorajando os estudantes a terem um pensamento crítico, despertando a curiosidade e imaginação.

## 2.1 Descobertas iniciais: o que os professores nos contam

Aqui busca-se promover a análise do impacto da contação de histórias no processo de alfabetização por meio da visão docente. Este estudo desenvolveu-se de maneira online – um questionário do Google Forms – divulgado amplamente entre os dias 23 de setembro e 07 de outubro do ano de 2024, para professores que atuam nas redes públicas e privadas de ensino. Estas escolas estão inseridas em diferentes contextos sociais, variando entre umas com bons materiais e estrutura e outras em situação de vulnerabilidade social. Este estudo contou com a participação de 20 professores/as, que responderam um questionário formado por 12 perguntas, subdivididas em dados gerais, contato prévio com a contação de histórias, sua definição, frequência em aula, forma de aplicação e atividades subsequentes.

Em relação aos dados gerais, os participantes tinham a opção de colocar seu nome real ou inventar um pseudônimo. Portanto, os nomes que aparecem ao longo da análise podem ser reais – divulgados com a autorização do participante – ou fictícios. Os participantes têm entre 20 e 60 anos; todos formados em Pedagogia e muitos são Pós-graduados em Psicopedagogia, Educação especial e Alfabetização e letramento. Por fim, todos afirmam ter trabalhado na área no mínimo durante um ano, a partir dos anos 2000 até o ano de 2024.

Seja no ambiente familiar ou escolar, a maioria dos participantes ouvia histórias na infância tendo, inclusive, este momento gerado boas lembranças. De maneira geral, expressam que é um momento bom que envolve/desenvolve o imaginário da criança; uma hora prazerosa capaz de transportar a criança para outros mundos. Trata-se de uma atividade geradora de emoções, suspense e curiosidade, capaz de “quebrar barreiras imaginárias e crenças limitantes” (Jessica, 2024). Portanto, munidos de tal ideário, todos os casos analisados afirmaram utilizá-la pelo menos uma vez na semana em suas aulas.

Cada participante mostrou, através de suas respostas, o quanto a utilização desta estratégia pode se revelar positiva. Esta se mostrou fortemente utilizada como estratégia de



ensino capaz de ser adaptada a qualquer contexto e com uma carga significativa na melhora do processo de ensino e aprendizagem. A análise dos dados ajudou a responder à pergunta central da pesquisa — o quanto a contação de histórias pode ser significativa e auxiliar o processo de alfabetização? — ao fornecer um panorama das experiências oferecidas e vividas pelos educadores. O questionário permitiu compreender como a narrativa provoca o interesse das crianças pela leitura e escrita, melhorando sua capacidade de interpretação contribuindo, assim, para o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais.

## 2.2 Emoção e aprendizado em cada página

Contar histórias é visto como algo que vai além da simples transmissão de narrativas, influenciando “diversamente no desenvolvimento intelectual, afetivo, social de cada educando” (Oliveira, 1991, p. 41). Tal ato enriquece a imaginação, pois ela sempre é construída a partir de elementos reais (Vygotsky, 2014), ou seja, a literatura possibilita à criança criar imagens representativas. Em consonância, os participantes ainda destacam que a prática promove “aprendizado, desenvolvimento e exercício imaginativo” (Ri, 2024), sendo “fundamental para o desenvolvimento infantil” (Maíra Lana, 2024).

Este exercício configura-se como uma forma de desenvolver “um leitor com capacidade crítica [...] para exercer a sua cidadania, isto é, o seu poder de ser e de existir como pessoa humana, ou seja, alguém que escolhe e decide porque pensa, porque sente e porque sonha” (Debus, *et. al.* 2017, p. 29). Em outras palavras, cada leitor interpreta o livro a sua maneira (Oliveira, 1991), sendo este ato imaginativo capaz de desenvolver um cidadão apto a analisar de forma crítica infinitas situações que ocorrem cotidianamente, tornando-o protagonista (Freire, 2005) através do posicionamento perante uma tomada de decisão.

Os professores consideram esta estratégia como um componente essencial da aprendizagem, pois durante a narração, cada criança inevitavelmente associa sentimentos ao texto lido/interpretado pelo professor, abrindo as portas para uma aprendizagem realmente significativa. Dado um exemplo singelo, as fábulas costumam trazer uma vivência impensável para o mundo real, contudo é raro encontrar uma criança que não tenha medo do “Lobo Mau” e o associe a uma pessoa de fala doce e atitude perversa.

Segundo Vygotsky (2014, p. 36), “o que a criança vê e ouve, dessa forma, são os primeiros pontos de apoio para a sua futura criação, [ou seja], ela acumula material com base no qual, posteriormente, será construída sua fantasia”. A pesquisa nos mostrou que, na prática, além do ato de contar histórias influenciar positivamente o desenvolvimento emocional das crianças, os professores que ouviam histórias durante a infância atribuíram-lhe



uma maior e mais profunda significação trazendo-a, portanto, de forma efetiva para o ambiente da sua sala de aula.

Embora todos concebessem a contação de história como algo significativo, as respostas revelaram uma subdivisão em dois grandes grupos. O primeiro, mantinha-se preso à uma prática mais elementar. Já o segundo foi formado por aqueles que realmente a faziam acontecer sob uma ótica mais transformadora. Cabe ressaltar que esta pesquisa não busca julgar o trabalho destes professores, pois se entende que há uma familiaridade limitada com seus contextos de atuação. Entretanto, nas próximas linhas buscar-se-á problematizar esta prática, investigando seus pontos fortes e refletindo acerca de seus resultados.

Trazendo exemplos do primeiro grupo, alguns participantes, mesmo defendendo a contação de histórias como algo inovador, limitam esta estratégia a uma prática mais rudimentar. Este é o caso dos/as participantes auto nomeados/as Ri, Profe, Teacher 3 e Helena que, mesmo defendendo que esta estratégia é fundamental para o desenvolvimento da imaginação, propõem atividades voltadas para o preenchimento de fichas de leitura, representação com desenhos, atividades de interpretação textual, limitando-se ao fato da criança saber recontar e reescrever a história lida em seu sentido linear. Há também aqueles que a utilizam meramente para ensinar e direcionar o comportamento das crianças. Por este caminho, anda a profissional automeada Denise, que pede apenas para as crianças “falarem sobre o que escutaram” (Denise, 2024). A participante direcionou sua atenção somente para o fato de recontar histórias, e de como isso auxilia no aspecto comportamental, ou seja, a criança deverá “esperar a hora de falar” (Denise, 2024), para descrever a história em seu modo linear.

Conforme nos diz Smolka (2008, p. 37),

a realidade cotidiana escolar [...] e as inúmeras situações de sala de aula [...] são, hoje, resultados ou produtos de um complexo conjunto de condições e circunstâncias em que pesam, obviamente, fatores sócio-econômicos políticos e ideológicos. Nesse contexto, o ensino da escrita tem se reduzido a uma simples técnica, enquanto a própria escrita é reduzida e apresentada como uma técnica, que serve e funciona num sistema de reprodução cultural e produção em massa.

A contação de histórias, quando aplicada de forma tradicional, pode reforçar um sistema de ensino que limita a reflexão crítica. Freire (1989, p. 12) alerta que “a insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada.” Diante disso, é essencial pensar sobre os desafios enfrentados por este grupo de professores e investigar possíveis soluções que facilitem a adoção de práticas mais criativas,



sem perder de vista a realidade em que esses profissionais estão inseridos. Portanto, problematizar essas metodologias permite pensar em formas de apoio para que os professores superem desafios e tornem as aulas mais envolventes e transformadoras, sempre levando em consideração as especificidades de cada contexto educacional. Este aprofundamento, no entanto, é um estudo a ser feito em oportunidades futuras.

Ao passo que neste álbum temos figurinhas repetidas, há também algumas raras que nos desafiam para uma realidade possível. Em princípio, neste grupo foi possível identificar professores que utilizavam a contação de histórias atrelada a rodas de conversa, a cantigas e a exploração do objeto livro.

Os relatos de Jessica e Jucilda destacam que ambas costumam formar uma roda de conversa e cantar antes da leitura. Utilizam também a teatralização e promovem diálogos para observar sentimentos das crianças, propondo atividades como desenhos e escrita, incentivando até as crianças mais tímidas a participar. Smolka (2008, p. 57) reforça essa visão, ao afirmar que “a linguagem é uma atividade criadora e construtiva do conhecimento e, por isso mesmo, transformadora”.

A participante automeada Maíra Lana vê a contação de histórias como um momento descontraído e prazeroso, introduzindo músicas e levantando conhecimentos prévios referentes à narrativa. Segundo Maíra Lana (2024), esse momento pode ser um “deleite” para os estudantes. Ela também trabalha com projetos baseados na leitura, ampliando para atividades pedagógicas o que, segundo Oliveira (1991), aumenta a percepção de significado-significante.

Os participantes automeados Eduardo Madalena e Josi priorizaram a exploração do livro antes da contação, articulando as respostas das crianças, transportando seus relatos orais para a escrita, enfatizando o impacto dessa atividade na oralidade e expressão dos sentimentos.

Em síntese, esta pesquisa evidencia o impacto positivo da contação de histórias na alfabetização, na prática docente de todos os professores, independentemente das abordagens adotadas. Todos os educadores necessitam reconhecer seu trabalho pedagógico com a contação de histórias e assim reforçar seu papel na construção das habilidades de leitura e escrita, no desenvolvimento social e emocional dos estudantes, bem como promover a alfabetização com letramento por meio da contação de história.

### 3. Considerações finais



Esta pesquisa investigou o processo de alfabetização na Educação Básica, com foco especial no papel da contação/leitura de histórias como uma ferramenta significativa que auxilia neste processo. A análise permitiu levantar a perspectiva dos docentes que atuam na região da Grande Florianópolis – SC, ou seja, uma compreensão contextualizada e prática da alfabetização em diferentes realidades.

Os dados revelaram que a contação de histórias é uma estratégia pedagógica valiosa para o desenvolvimento integral dos estudantes, permitindo a construção de novos significados e o fortalecimento da alfabetização. Futuramente poderemos dar continuidade ao estudo utilizando da mesma óptica, porém, mudando o foco do docente para o discente, ou seja, direcionar a pesquisa ao impacto desta arte na perspectiva das crianças, destacando suas interpretações e narrativas. Em suma, a contação de histórias se destaca como uma ferramenta essencial, estimulando pensamento crítico, autonomia e expressão emocional, promovendo uma educação mais significativa e cidadã. Ou seja, alfabetizar e letrar por meio da contação de histórias.

#### 4.Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil:** gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Presidente da República, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB.9394/1996.** BRASIL.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2017.p. 57 – 93. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192) Acesso em: 12 maio 24.

DEBUS, Eliane; BAZZO, Jilvania Lima dos Santos; BORTOLOTTI, Nelita. Literatura e educação – pelos fios da tessitura dialógica. **Literatura Infantil e Juvenil:** pelas frestas do contemporâneo. Tubarão: Pandora, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1971.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989. Disponível em: [https://conteudo.catolica.edu.br/conteudos/nbt\\_cursos/textos\\_praticas\\_digitaais/tema\\_01/](https://conteudo.catolica.edu.br/conteudos/nbt_cursos/textos_praticas_digitaais/tema_01/)



leituras/Tema%201%20-%20Saiba%20mais%20-%20A%20import%C3%A2ncia%20do%20ato%20de%20ler.pdf . Acesso em: 29 abr. 2024

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GIRARDELLO, Gilka. Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas. **Infância: imaginação e educação em debate**. São Paulo: Papyrus, p. 39-57, 2007.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. **Da alfabetização ao gosto pela leitura**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991.

ROJO, Roxane. Alfabetização e letramentos múltiplos: como alfabetizar letrando. **Coleção explorando o ensino: Língua Portuguesa: ensino fundamental**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Brasília. v. 19, p. 15-36, 2010. Disponível em: <https://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/material/27.pdf#page=15>. Acesso em: 28 abr. 2024.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Silvio Profirio da; SOUZA, Francisco Ernandes Braga de; CIPRIANO, Luís Carlos. **Textos multimodais: um novo formato de leitura**. 2015. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/19/08.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2024.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: Toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

VERNAGLIA, Taís Verônica C. **Pesquisa Qualitativa**. Educapes, 2020. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/581071/4/Pesquisa%20Qualitativa.pdf>. Acesso em: 22 out. 2023.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2014.

